

Educação e Indisciplina: a Formação e a Intervenção para a Prevenção – a Realidade Portuguesa

Fanternilda Gama
Joana Pinho
Lara Figueira
Maria de Jesus Menezes
Mariana Cardoso^(*)

Introdução

A questão da *indisciplina* em âmbito escolar tem sido, ao longo dos últimos anos, uma preocupação da sociedade e dos agentes educativos em particular. Neste estudo, a escolha da gestão preventiva da *indisciplina* em contexto de sala de aula, nomeadamente as medidas preventivas a adotar, deve-se à sua pertinência e atualidade e por ser este o ambiente onde as funções do professor têm maior enfoque. O seu objetivo configura-se, para o professor, como um alicerce de reflexão sobre a sua própria atuação, já que ele é parte integrante e integradora do cenário pedagógico (Estrela, 1992).

Neste trabalho, então, cuja realidade abrange Portugal, iremos retratar, sob a ótica de alguns autores, a delimitação do conceito de *indisciplina* e os seus diferentes níveis em contexto de sala de aula. Após isto, abordaremos a gestão preventiva na sala de aula, apresentando as principais causas da *indisciplina*, seguindo-se os modelos teóricos acerca desta gestão, para posteriormente expormos algumas medidas preventivas.

Com a abordagem em voga, produto do próprio aumento (da gravidade) de sua ocorrência, juntamente a observações e investigações acerca de *indisciplina*, o referido tema configura uma enorme complexidade, justamente por sua amplitude infinita e vertentes variadas. Mantermo-nos atentas aos seus limiares foi imprescindível para que não desviássemos de nosso instrumento focal.

Com efeito, é nossa intenção que o resultado deste trabalho compile subsídios, a nível informacional, e auxilie, vivamente, o aprimoramento das práticas dos profissionais da educação.

A *indisciplina* em contexto escolar

O conceito de indisciplina

(*) Alunas do curso de mestrado em Ciências da Educação – área de especialização em Formação Pessoal e Social – da Universidade de Aveiro – Portugal.

Em 2002, o Conselho Nacional da Educação de Portugal definiu *indisciplina* como “comportamentos que reflitam o propósito de perturbar os processos de aprendizagem que decorrem na escola, dificultando o exercício da função docente, inibindo uma efetiva cooperação discente, perturbando a convivência da comunidade educativa no seu todo” (DRII - Série 68, p. 5480). No entanto, a definição deste conceito não é consensual, pois Estrela (1992, p. 15) define-o como o não cumprimento de normas estabelecidas, negociadas ou impostas, defendendo-o ainda como “le droit à la différence dans le comportement en classe est conquis par une voie marginale” (1986, p. 269). Há também na perspectiva de Sampaio (1996b), a ideia de que *indisciplina* vem de encontro ao conjunto de comportamentos aceitáveis, pedagógica e socialmente, para um determinado grupo de pessoas, num determinado contexto. Embora o presente trabalho foque a visão do professor, lembramos que a definição e a avaliação de atos indisciplinados podem variar, como refere Watkins (1991, p. 19-20), “del momento en que tenga lugar la acción”, “del lugar”, “de las personas ante las que realice al acción”, “de las características personales del alumno” e ainda “de quem sea el afectado”, não havendo, assim, critérios uniformizados.

Níveis de indisciplina

Minuciando a perspectiva acima, Amado (2001) atribui três níveis diferenciados à *indisciplina*. O primeiro está associado aos desvios às regras de produção, que consiste em perturbações do bom funcionamento da aula. O segundo nível aponta os chamados “conflitos interpares”. Nele, o autor engloba variáveis como atitudes, aspirações e valores, estrato social de origem, idade, raça e etnia dos alunos, num espaço passível entre eles de agressões, insultos e condutas que atentam contra a integridade moral e física uns dos outros. No terceiro nível, encontram-se os conflitos da relação professor/aluno que, na leitura de Pereira (2005), além de comprometerem as condições de trabalho, minimizam ainda a dignidade do professor enquanto ser humano e profissional.

Gestão preventiva da *indisciplina* na sala de aula

Com vistas à eliminação ou minimização da *indisciplina* em sala de aula, a gestão preventiva atua como instrumento central, sendo definida por Doyle (1986 cit. por Lopes, 2002), como um conjunto de estratégias e ações que os professores atribuem a sua prática, na intenção de prevenir e resolver o problema da ordem.

Causas da *indisciplina*

As causas do fenômeno retratado são inúmeras e de ordens muito variadas. Amado (2001), citando diversos autores, dentre os quais destacamos Estrela (1986), Weishew & Peng (1993), Willis (1987), Wayson & Pinnel (1985), Reynolds (1982), Hargreaves et al. (1986), subdividiu os fatores a ter em conta na compreensão da *indisciplina* nas seguintes ordens: *social e política*, refletidas nas realidades econômicas e sociais; *familiar*, influenciada pela funcionalidade, valores e estilos parentais; *institucional formal*, em que os interesses dos alunos podem estar desajustados às convenções espaço-temporais; *institucional informal*, em que a comunicação e funcionamento social do grupo-turma podem provocar desequilíbrios; *pedagógica*, que se verifica nas estratégias e sua aplicação e nas relações interpessoais; *pessoal do professor*, cuja conduta não corresponde à expectativa do aluno; *pessoal do aluno*, que podem estar relacionadas com a vida acadêmica e pessoal do mesmo e, ainda, a percepção de si próprio.

Ainda nessa direção, apresentamos, agora, uma breve reflexão sobre os fatores que consideramos mais pertinentes em contexto escolar:

- *Responsabilidade do Professor* – na visão dos alunos, o mau funcionamento de algumas disciplinas deve-se essencialmente à *adoção de estratégias de ensino* por parte do docente, nomeadamente, aulas desinteressantes, postura incorreta, gestão inadequada do ritmo e duração das aulas e à *relação pedagógica problemática*, especificamente a falta de autoridade, firmeza e experiência e, ainda, a *forma autoritária, incoerente e injusta* de atuação (Amado, 2001).
- *Responsabilidade do Aluno* – no estudo de Amado (2001), os alunos revelaram uma atitude crítica, inculcando a si próprios também responsabilidades como *desinteresse, dificuldades de adaptação, má formação do aluno* (má educação, exibicionismo, arrogância, maus hábitos escolares) e as responsabilidades grupais, especialmente a ação provocadora de certos alunos, ação e pressão no interior da turma e o clima geral da mesma, como causas potenciadoras de *indisciplina*.
- *Responsabilidade da Escola* – à escola segundo Amado (2001) devem ser também apontadas responsabilidades, nomeadamente na incorreta *gestão de espaço e tempos* e composição das turmas (número elevado de alunos por turma e a heterogeneidade na sua composição).

Em suma, não é possível analisar de forma estanque cada fator, sendo que muitos mais contribuiriam para a sua compreensão, dada a complexidade do fenômeno, de tal modo que “não se

saiba onde começam e acabam as causas e os efeitos, a responsabilidade deste ou daquele agente, deste ou daquele fator, devido às múltiplas implicações e à causalidade circular” (Amado, 2001, p.317), apontando esta como a razão da não existência de consenso no estabelecimento dessas mesmas causas.

Modelos teóricos

Na sequência dessa perspectiva, julgamos incontornável a exposição de modelos teóricos concernentes à gestão preventiva, citados por Amado (2001), dos quais destacamos: *Modelo de Gordon* – considera o problema da *indisciplina* decorrente do tipo de comunicação existente na sala de aula (repressiva e autoritária). Este modelo defende a existência de orientações que devem fazer parte da formação dos professores, ajudando-os a desenvolver competências para a condução democrática da sala de aula (Gordon, 1981); *Modelo Tridimensional* – determina que um problema de disciplina resulta de uma situação em que há conflito de necessidades entre o aluno e o professor. Nele é necessário a procura de negociação entre as partes, estabelecendo acordos (Curwin & Mendler, 1987).

Medidas preventivas na sala de aula

A sala de aula é, segundo Ventura (2002), um contexto determinante para a construção e a manutenção da disciplina, razão pela qual apresentaremos propostas para a problemática em questão.

Na perspectiva de Sampaio (1996a,b,c) e Amado (2001) a comunicação é decisiva para o domínio disciplinar, devendo o docente adequar o seu discurso à *origem social do aluno* (Sampaio 1996b). Sampaio (1996b) defende também a discussão e a negociação sobre o funcionamento das aulas, ao longo de todo o ano e, sobretudo, no início do ano letivo, contribuindo, assim, como referem Freire e Amado (2001), para uma melhor aceitação das mesmas. Já Rosen atesta a importância das regras ao dizer que “are crucial for good discipline” (1997, p. 5), devendo ser, na sua perspectiva, escritas, sempre que possível, desfazendo assim equívocos e “provide consistency of application and equality of treatment”, assegurando “fairness” e “justice” (Ibid., p. 9). Sampaio (1996b) ressalva os comportamentos ou discursos dos alunos tidos como provocatórios, dizendo ser fundamental que o docente não responda no mesmo sentido. Ventura (2002) sublinha a importância da relação professor-aluno, dando ênfase aos aspectos emocionais e relacionais, no controle da *indisciplina*. No que respeita à liderança, os próprios alunos consideram essencial, no professor, a

capacidade de se saber impor, conquistar o respeito e agir democraticamente (Amado, 2001), analisando e resolvendo prontamente as primeiras manifestações de *indisciplina* ou de provocação, usadas como teste à autoridade do professor (Sampaio, 1996b). O ajustamento dos conteúdos e recursos aos interesses e dificuldades dos alunos, sendo estes apelativos, motivadores e contextualizados à realidade dos mesmos, segundo Amado (2001) e Sampaio (1996a) são, igualmente, bastante válidos na conquista do controle disciplinar, assim como a preparação das aulas e flexibilização das estratégias adotadas (Amado, 2001; Sampaio 1996b; Sampaio, 1996c). A demonstração de expectativas positivas por parte do professor, em detrimento da expressão de pré-conceitos atua também como reforço da auto-estima do aluno, proporcionando-lhe segurança afetiva imprescindível à aprendizagem (Amado, 2001; Sampaio, 1996b; Sampaio, 1996c).

O espaço da sala de aula é outro fator importante na gestão da mesma, devendo mudar frequentemente e articular-se com o tipo de aula, para a promoção do trabalho cooperativo, abordado por Freire e Amado (2002) como um dos elementos preventivos mais positivos. Ainda no contexto escolar, Sampaio (1996b) alerta para a importância da confidencialidade acerca de conversas particulares tidas com alunos e pais. As reprimendas, segundo Lopes (2002, p.166-167), devem ser realizadas de forma curta e íntima, evitando, assim, “dar publicidade quer ao comportamento perturbador, quer à própria intervenção”. A gestão do tempo da aula e a transição entre atividades é também um fator potencial para a ocorrência de atos indisciplinados, sendo, deste modo, importante a previsão dos diferentes ritmos de trabalho dos alunos, para que não haja tempos mortos (Sampaio, 1996c).

Finalizando, e em conformidade com os autores aqui citados, um dos elementos preventivos fundamentais é a postura reflexiva do docente, devidamente incentivada, durante a sua formação inicial e contínua. Na sequência dessa perspectiva, Estrela (1992, p. 98) conclui que as competências desenvolvidas durante a formação inicial, serão aprimoradas com o tempo e a maturidade: “Por isso é no período de formação inicial que elas devem começar a ser adquiridas e treinadas, assim como devem ser reavaliadas e desenvolvidas ao longo da formação contínua”. A mesma autora destaca o fomento à investigação como estratégia às interrogações suscitadas no cotidiano, uma vez que as necessidades de formação são detectadas em ambiente escolar e devem buscar a crítica e ampliação do conhecimento, fortes impulsionadores na resolução dessas dúvidas (Estrela, 1992).

Rosen (1997, p. 91) faz, porém, uma ressalva às estratégias preventivas, já que na sua visão, para serem bem sucedidas devem implicar o envolvimento de outros agentes educativos: “Prevention strategies have to play an ongoing role in the curriculum and in school rules, with special programs and with special personnel employed for school safety reasons”. Nesse sentido,

Ventura (2002) enfatiza, igualmente, que este trabalho de prevenção e gestão deve estar articulado com o âmbito escolar, como um todo, passando pelas outras salas de aula, logo pelo grupo de professores e pelos gestores das instituições e dos sistemas, não configurando, assim, apenas uma dialética isolada entre professor e aluno.

Conclusão

O trabalho realizado leva-nos a concluir, portanto, que as práticas educativas do professor devem ser reflexo da compreensão das causas que levam os alunos a terem comportamentos inadequados, percebendo-os e atuando com conhecimento, necessitando, para isso, de formação contínua, tal como nos refere Sampaio (1996a, p. 33): “o esforço de todos nós será o de a interpretar e combater”. Todavia, de acordo com o Conselho Nacional de Educação de Portugal (DRII - Série 68), essa problemática não se esgota ao contexto escolar, visto que a *indisciplina* só pode ser verdadeiramente colmatada com a conquista de uma sociedade justa e mais sensível aos valores éticos que a regem. Sendo assim, pensamos que não podem ser imputáveis à escola responsabilidades que cabem, primeiramente, à sociedade, uma vez que a escola não é o único motor do processo educativo, embora seja, sim, elemento essencial no desenvolvimento do indivíduo.

Bibliografia

- AMADO, João da Silva. *Interacção pedagógica e indisciplina na Aula*. Porto: Edições ASA, 2001
- _____. e FREIRE, Isabel Pimenta. *Indisciplina e violência na escola: Compreender para Prevenir*. Porto: Edições ASA, 2002.
- ESTRELA, Maria Teresa. *Une étude sur l'indiscipline en classe*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.
- _____. *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora, 1992.
- _____. A indisciplina: Prevenção da indisciplina e formação dos professores. *Noesis*, Lisboa, vol. 1, p. 34-36, jan/mar 1996.
- FREIXO, M. J. V. *Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.
- LOPES, João. *Problemas de comportamento, problemas de aprendizagem e problemas de "ensinagem"*. Coimbra: Quarteto Editora, 2^a ed., 2002.

- PARECER n. 3/2002 [Em linha]. *D.R. II Série*. 68 (21-03-2002) 5378-5504. [Consult. a 1 Nov. 2010]. Disponível em: <http://dre.pt/pdfgratis2s/2002/03/2S068A0000S00.pdf> .
- PEREIRA, Amélia Neves. (In)Disciplina na Aula: Uma Revisão Bibliográfica de Autores Portugueses. *Revista Lusófona de Educação*, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, vol. 5, nº 005, p. 197, 2005.
- ROSEN, Louis. *School Discipline – Best practices for administrators*. California: Corwin Press, 1997.
- SAMPAIO, Daniel. A Indisciplina: A indisciplina no contexto escolar. *Noesis*, Lisboa, vol. 1, p. 32-33, 1996a.
- _____. *Indisciplina: Um signo geracional?* Lisboa: Instituto de Inovação Educacional – Ministério da Educação, 1ª ed., 1996b.
- _____. *Voltei à escola*. Lisboa: Editorial Caminho, 1996c.
- VENTURA, Alexandre. A Gestão da indisciplina dos alunos. Em: A. Pedro e H. Pedro (eds.). *A violência na escola: formar para intervir, intervir para prevenir*, Aveiro, Projecto NOVASRES, 2002.
- WATKINS, C e WAGNER, P. *La disciplina escolar – propuesta de trabajo en el marco global del centro*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A e Ministerio de Educación, 1991.

Resumo: A escola atual integra alunos oriundos de contextos sócio-econômicos muito diversificados e nem todos se encontram devidamente motivados para o êxito escolar. Perante este panorama, que muitas vezes chega à rejeição escolar, alguns alunos, por motivos vários, não aderem às normas escolares instituídas, manifestando, então, comportamentos de indisciplina. Esta transgressão às normas escolares instituídas deve-se a vários fatores, que se podem cruzar ou não, que se ligam ao aluno e ao seu meio, podendo relacionar-se com os seus princípios e valores, estarem relacionadas com as características do professor ou, ainda, serem uma consequência do sistema educativo e da sociedade. Nesse sentido, o presente trabalho pretende abordar a gestão preventiva da *indisciplina* em contexto de sala de aula, especificamente as medidas preventivas a adotar, configurando, assim, um alicerce de reflexão para a prática dos profissionais de educação.

Palavras-chave: Indisciplina; medidas preventivas; sala de aula.

Abstract: The current school includes students from diverse socio-economic contexts and not all are well motivated for their school success. Against this background, which often leads to rejection at school, some students, for various reasons, do not adhere to school rules imposed by expressing, then disruptive behaviors. This transgression of the school rules imposed due to several factors that can intersect or not, that bind to the student and to their environment and can relate to their

principles and values, are related to the characteristics of the teacher or also be a consequence of the education system and society. Therefore, the present work intends to address the preventive management of indiscipline in the classroom context, specifically to adopt preventive measures, setting thereby a foundation for reflection upon the practice of professional education.

Keywords: Indiscipline; preventive measures; classroom.